

O BRASIL E OS DESAFIOS DO LIXO ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Poucas questões suscitam tantas polêmicas quanto o lixo. Não por outra razão senão pelo fato do problema dos resíduos ter alcançado dimensão sem precedentes.

Dado que a literatura especializada registra descarte mundial de 30 bilhões de toneladas de rebotelhos por ano, seria difícil deixar de corroborar tal definição. Foi assim que ponderando sobre o assunto, o geógrafo Jean Gottman não hesitou em definir a época atual como *Era do Lixo*.

O lixo tem sido um problema recorrente em todo o mundo, agravado por modalidades inadequadas de disposição final e de confinamento dos rejeitos. Nessa senda, além de gerar desconfortos ambientais e sanitários, as montanhas de rebutes podem verdadeiramente inviabilizar a sociedade humana, ao menos tal como a conhecemos.

O desafio dessa problemática coloca-se claramente para o Brasil. O país é um grande gerador mundial de lixo. Embora sua população seja equivalente a 3,06% do total mundial e seu PIB corresponda a 3,5% da riqueza global, os brasileiros descartam 5,5% dos resíduos planetários.

Apesar disso, a escalada da ejeção dos lixos não cessa. Entre 1991 e 2.000, a população brasileira cresceu 15,6%. Mas os descartes se expandiram 49%. Em 2009, o incremento demográfico foi da ordem de 1%. Porém, os resíduos aumentaram 6%.

O pior é notar que a gestão do lixo não tem dado conta desse desafio. Os EUA, campeão mundial de desperdício, reciclam 31% da fração seca do lixo domiciliar. A Alemanha recicla 48%. O Brasil, apenas 13%. Os números são ainda mais problemáticos para a fração orgânica. Somente 2% é compostado, contra 12% nos EUA, 28% no Reino Unido e 65% na Índia.

Esse quadro se justifica pela precária atuação do poder público. O poder municipal coleta irrisórios 1,9% dos materiais encaminhados para as recicladoras. Não fosse suficiente, a CSL - Coleta Seletiva de Lixo - tem recuado em todo o país. Embora existam programas de CSL atuando em 8% dos municípios em 2009 - contra 7% no ano anterior - os cidadãos atendidos diminuíram de 26 para 22 milhões.

Recorde-se que em 2008, o aterro sanitário era unidade de destino para 27,7% da coleta de lixo e que ademais, pesam dúvidas sobre a qualificação desses equipamentos. Nesse panorama, são os catadores que impedem o triunfo do caos na gestão do lixo. Em 2008, eles recuperaram 13% do lixo seco, isto é, sete milhões de toneladas.

¹ Artigo eletrônico disponibilizado no site da Cortez Editora a partir de 10-10-2011

² Pós-Doutor pelo Dept. de Geografia do Instituto de Geociências da UNICAMP na área dos resíduos sólidos. No âmbito da USP, Waldman é graduado em Sociologia, mestre em Antropologia e Doutor em Geografia. Foi Chefe da Coleta Seletiva de Lixo da Capital paulista e Coordenador do Meio Ambiente em São Bernardo do Campo. Autor de 14 livros, dos quais *Lixo: Cenários e Desafios* (Cortez Editora, 2010), constitui sua obra mais recente. Lançada na Bienal Internacional do Livro de São Paulo de 2010, a obra é finalista da 53ª edição do PRÊMIO JABUTI no quesito melhor livro na área das Ciências Naturais.

Todavia, catadores permanecem alvo de objeções das elites, uma percepção negativa que se reflete diretamente na relação que o poder público mantém com esses profissionais. Em 2010, apenas 142 municípios em todo o país (2,5% do total) mantinham parceria com os catadores.

Pensando a magnitude de uma crise que salta à vista de todos, tudo está a sugerir medidas imediatas visando uma gestão de excelência para os resíduos sólidos, uma consideração que no caso brasileiro, deve ser debatida com toda a seriedade possível.

O tempo urge, reclamando as atenções e o empenho do conjunto da sociedade. E que o lixo seja então colocado na ordem do dia!